

Eu, Preso – EP3: LGBTs no Cárcere – Transcrição de diálogos

[Leo] Bora!

[Leo] Eu sou Leo Moreira Sá, ator, lighting designer, dramaturgo e jornalista. Eu sou inclusive, também, motorista da Uber. Eu estive preso de 2004 a 2009, num presídio feminino.

[Leo] Essa aqui sou eu antes da transição, e... eu não tenho nenhum problema em mostrar, né?! O Leo é uma pessoa mais completa. Eu fui baterista das Mercenárias nos anos 80 e, quando acabou a Mercenárias, eu fiquei meio sem chão, com muitos conflitos, inclusive identitários, né, quem sou eu?! Neste momento, eu começo a usar drogas, aí foi quando eu conheci a Gabriela, a minha... a esposa com quem eu me casei de fato, né, que é uma travesti. Nós vivemos dez anos, e "era" eu, a Gabriela e a cocaína. Nós casamos os três, então, vivemos dez anos trabalhando na noite, vivendo de festas e usando muita droga. Foi um passo quase que natural eu entrar para o comércio das drogas. Então, eu comecei pegando um pouquinho a mais para separar pros amigos, eles me pagavam, aí vieram os amigos dos amigos, porque eu ia buscar a melhor cocaína, então, a minha era a melhor, então as pessoas da noite sabiam que eu tinha a melhor cocaína. Então começou o amigo do amigo, do amigo, do amigo, e, foi, foi, foi, de repente eu estava de fato abraçando essa profissão, de traficante.

[Carol] Meu nome é Carol, tenho 35 anos, é... fui presa... por furto, e, pra trans, lá dentro, não é legal.

[Carol] Eu cheguei a fazer furto por precisão mesmo, devendo aluguel, passando necessidade em casa. Então, o que estava tendo era aquilo "pra mim" fazer, fui com a cara e a coragem. Aí deu certo uma vez, deu certo outra, você começa a acostumar, "está dando certo, então eu vou ficar neste caminho". Aí me ferrei, fui parar lá dentro daquele lugar horroroso, eu não gosto nem de lembrar...

[Marcio] Até mais ou menos meados dos anos 40 50 no Brasil, né, as prisões eram basicamente masculinas, né?! Prisões que não eram definidas em termos de gênero, mas que, na prática, abrigavam tanto homens quanto mulheres, né?! Então, elas são instituições pensadas por e para homens, mas que abrigavam homens e mulheres. Só a partir dos anos 50 é que a gente vai ter prisões efetivamente femininas, né?! Então, a gente vai passar a demarcar as prisões em termos de gênero, dividi-las, nessa polaridade que acontece no sistema e perdura, é... com percalços e tal, mas perdura até hoje. E aí acho que, hoje, com a questão dos presos LGBT, dos presos trans, de pessoas presos com uma identidade não binária, a gente está começando a pensar se essa divisão efetivamente faz sentido, né? Essa divisão que se que se naturalizou.

[Grazielly] "Me" chamo Grazielly Barreto, tenho 28 anos, estou presa no artigo 157, no assalto. Já tô... vai fazer um ano que estou presa. Eu me prostituía... é uma rotina com que você já se adapta na rua, já tô adaptada já com essa rotina de ir pra rua me prostituir e ir,

entendeu?! Guardar dinheiro, fazer limpeza de pele, descolorir o cabelo, cuidar de cabelo, fazer unha... Então, você já fica acostumada com aquela situação. Já tentei procurar emprego, mas é difícil, muito difícil a gente conseguir emprego bom, que pague bem. Então, a gente opta por ir pra rua, pra avenida. Porque é dinheiro mais rápido, fácil daí, às vezes, acaba roubando daí é onde vem trazer a gente pra cá.

[Leonel] Meu nome é Leonel da Silva Lopes. Aqui dentro da unidade prisional, onde eu me encontro cumprindo pena por furto e estelionato, é... sou conhecido como Leia.

[Leonel] Na verdade, eu tive uma fase de dependência química, entendeu, pelo uso de cocaína. Acabei entrando num supermercado e furtei alguns itens... Como eu tinha penas anteriores, isso formou um total de dez anos e três meses.

[Leonel] São três celas de homossexuais por pavilhão, né?! E isso tem gerado, assim, um espaço de convívio melhor pra gente a cada dia.

[Grazielly] Por exemplo, no pavilhão onde eu estou, no pavilhão três, só tem duas celas, onde moram as bichas, as travestis e os casais, e, na outra, moram só os envolvidos, os caras que se envolvem com as... com nós... Passei pela cadeia dos caras, que é cadeia do PCC, Belém II. É, então, é totalmente diferente, aqui a gente tem mais liberdade, tem mais é... como eu posso dizer? Tem mais espaço, entendeu? A gente pode andar como menina, com as nossas roupas lá dentro, pode deixar o cabelo crescer. Na cadeia deles, já não pode, tem que andar de bermudão, de camiseta, se cobrindo toda, não pode fazer sobancelha, não pode fazer nada, e aqui já pode.

[Grazielly] Lá é conhecido como uma prisão para homossexual porque lá não tem facção, é só simpatizante e marido de trans, é... caras que gostam de se envolver com homossexual. E é mais liberal. É tranquilo só nessa parte, porque aceitam homossexual lá dentro, pelos presos, pelos funcionários bem pouco também, né?! Cortavam o cabelo, a gente tinha que se portar como homem, entendeu?! É... alimentação direto sempre vinha azeda, estragada. Se você ficasse doente lá dentro, nossa, o fim! Então, várias "monas" que tinham HIV lá dentro também, eles não pagavam remédio, entendeu?! Os coquetéis eles não pagavam. Um monte de caso de sífilis que tinha lá dentro também, entendeu?! Descaso total.

[Márcio] Em 2014, a gente teve talvez o principal, talvez o único avanço em nível nacional, né? Em relação aos direitos de presos LGBT, que é a resolução conjunta que foi feita entre o Conselho Nacional de Combate e Discriminação e o Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária. Em 2014, eles vão fazer um documento, que até hoje é referência nesse tema, e que vai... e que vai criar parâmetros o direito de não ter o seu cabelo cortado, o direito de usar roupa íntima feminina, o direito de ter acesso ao tratamento hormonal, o direito de ter continuidade ao tratamento de HIV/AIDS. Então, todas essas questões que são básicas, quando se

trata da diversidade de sexual e de gênero na prisão. Só que não dizem em quanto tempo você tem que fazer isso, não diz... quem, com que recurso você tem que fazer isso, não diz se vai acontecer alguma coisa com você se você não fizer. Então, basicamente, diz: "olha, se você quiser saber o que fazer com LGBTs, leia nesse documento, mas se você não quiser, não vai acontecer nada com você."

[Leo] De repente, eu senti um revólver na minha testa. "Pá" eles me jogaram na... eles me jogaram na... me jogaram na parede, revistaram, e aí "a casa caiu, a casa caiu!". Conseguiram achar cinco ecstasys. Depois, eles forjaram, botaram mais 50. Eu nunca tinha entrado numa cadeia, eu não era do crime, é isso que é muito louco, né?! Eu nunca fui do crime, eu pratiquei o crime, é diferente de você ser do crime, eu fui conhecer o crime na cadeia.

[Leo] Quando eu cheguei na prisão, todas elas achavam que eu era um agente penitenciário novo. Então, quando descobriram que eu, na verdade, era uma pessoa presa, a cadeia parecia que... começou um barulho ensurdecedor: "vraaaa", "sapatão". Elas chamam de sapatão, como se eu tivesse entrando numa balada e eu fosse o único homem naquela balada com mulheres. Foi uma loucura. As mulheres se estapeavam para ficar comigo. Gente, era uma loucura. Na verdade, eu já estava fazendo a transição, eu já estava super bombado, já estava tomando bastante hormônio. A minha mulher, a Gabi, que mandava pra mim, de forma clandestina, pelo agente, e chegava. Então, no meu primeiro ano, eu consegui tomar meu hormônio. Quando eu fui transferido para penitenciária, aí secou, aí vieram muitas depressões, e foi uma época muito difícil, muito dura.

[Julita] O que eu tenho visto é que há unidades prisionais que lidam com isso muito bem, não, é? Em que há uma preocupação, há uma preocupação não só da direção, como há uma preocupação entre os próprios presos, né?!

[Pedro] O tipo de abertura pode vir dos próprios presos. O tipo de violação de direito nessa normalização é...exatamente, ela é muito profunda. A ideia de que você, né, toma o corpo do outro completamente por um determinado período de tempo, né, para consertar aquela cabeça, né?! É... Claro que isso afeta, é... de maneira desproporcional, as pessoas que têm... a forma como elas lidam com seu corpo é questionada pelos padrões, é... né? "Normais", da sociedade.

[Julita] Eu acho que as unidades prisionais estão apenas aprendendo a lidar com esse tema, mas eu acho que realmente nós estamos muito longe de ter alguma coisa trabalhada dentro do universo das prisões, né?!

[Leo] Uma das sequelas de eu ter ficado tantos anos preso é que eu não consigo mais viver com muita gente, melhor, eu não consigo mais viver com gente. Eu consigo viver com cachorro, com todos os bichos que têm aqui nesse mato maravilhoso, com as árvores. É... eu acho que é aqui que eu me encontro, é aqui que eu tenho paz. São 25 pessoas numa cela, então, imagina... então, assim. Algumas poucas têm

cama, e as outras todas no chão, é a praia, né?! Às sete horas, bate a tranca, aí chega a mulher e vai fazer a contagem, “pá, pá”, aí abre, “plac”. Aí você sai... não tem nada pra fazer. O que a cadeia faz com a gente não é só tirar o seu tempo, ela utiliza seu tempo pra te torturar e te martelar com uma com uma bigorna, até você ser moldado daquele... daquela... aí que tá, ser moldado nunca, porque dali saem os criminosos muito mais revoltados.

[Leonel] Eu acordo cedo, porque sou um dos condutores da cela. Então, a gente tem que estar organizando o sistema de banho, sistema de alimentação. Moramos em 40 pessoas, né?! Quarenta marmitex. No café da manhã, são 40 pães, tem que passar manteiga nesses 40 pães. Então, é tudo um sistema de organização, né?! Já que caímos numa infração, cometemos um delito, a gente tem que ter a capacidade de conviver, entendeu? De... mostrar pra eles e pra nós mesmos que somos capazes de conviver, entendeu?!

[Carol] No dia a dia, a gente é obrigado a conviver com quem a gente não gosta, então a gente tem que ter aquele autocontrole dentro de você, né? Que nem tudo vai te agradar e nem todos vão te agradar. Imagine você ter que dividir banheiro com 60 pessoas, e o banho é uma garrafinha de água pet, você jogar no corpo e rápido... aceitar, né?! Já estou lá dentro, então... e, abandonadas, né?! Porque a maioria das trans, ou família rejeitou, ou família não aceita. Então, há pessoas assim que “é” muito carente de uma visita, de um carinho lá dentro. E lá, a pessoa fica muito carente lá dentro, entendeu? Fica isolada de tudo e de todos, né?!

[Leonel] No dia a dia pelo pátio, acaba acaba conhecendo uma certa pessoa, que acaba... se identificando, né?! Entendeu? E acabam casando, né?! Aí vai morar na cela.

[Grazielly] Casar é o modo que a gente fala, “aí a gente casou”. Daí ele vai morar com a gente, mas casar assim no civil, união estável, não. Se a gente tiver cama, a gente dorme na cama com eles, ou então a gente dorme na praia, como a gente chama, que é o chão da cela. Mas é uma vida de casal normal, a gente vive uma vida de casal normal.

[Leonel] Eu tenho namorado sim. A gente procura, né, entendeu? ter um relacionamento, porque até então a gente tem nossas carências interiores, né?! Entendeu? Então, a gente procura uma pessoa certa, logicamente que se prevenindo, entendeu? E... E, a gente tem que ter um... uma pessoa pra estar do nosso lado ali, entendeu? Pra ter nossas confidências, entendeu? É um lutando junto com o outro, um ajudando o outro.

[Grazielly] Meu marido foi de bonde para outra penitenciária ele está em Florinha. Então, depois que ele foi, já não me envolvi com mais ninguém.

[Márcio] Se você for ver os regulamentos, o que a lei diz sobre relações dentro da prisão, o que a lei faz é ou ignorar a existência, ou você vai ter, sei lá, estudos criminológicos, médicos

que que vão olhar para aquilo como mais um sintoma de uma patologia. Então, assim: “Ah, ele é um degenerado, ele é um preso, um criminoso.” E uma das evidências dessa degeneração moral, é o fato de que eles transam todo mundo entre si, é sexo homossexual o tempo inteiro, são promíscuos... Então essa é primeira relação que você tem. Aí você vai ter no máximo normas disciplinares que vão dizer: “é proibido transar dentro da prisão”. O máximo que você vai ter é isso.

[Leo] Os casamentos são fundamentais dentro de uma prisão, porque tua cabeça está lá fora, você está preocupado, você... você não quer ficar naquele lugar. Então, qual é a regra pra você conseguir sobreviver por muitos anos? Esquecer o mundo lá fora. Se uma mulher vai ficar muito tempo lá dentro, ela... acaba tendo uma relação, ou com um homem trans, ou com uma outra mulher. Porque as visitas são raríssimas, visitas de homens, de ex-parceiros, de de marido, são raríssimas, entende? Aí vem o reverso da moeda: “Ah, temos muitos privilégios.” Quais são? “Ah, você não precisa lavar sua roupa, eu vou lavar sua roupa, você não limpa, a...” Você percebe? Então, assim, eu tenho que ser o modelo do homem hétero, machista e criminoso. Por exemplo, se um homem trans lá no meio do pátio me chamasse pra lutar e eu não fosse, eu estava perdido, eu tinha que ir. Eu morria de medo, gente, eu não sabia lutar. Quantas vezes eu apanhei, mas eu tinha que ir lá e apanhar.

[Márcio] A estrutura de gênero do sistema de punição, né, a estrutura de gênero das prisões, ao mesmo tempo, reflete e reforça a estrutura de gênero da própria sociedade. Então, o homem afirma a sua masculinidade na relação com os outros homens, sendo meio que uma disputa entre masculinidades, e essa disputa a gente, numa sociedade machista, ela é em geral por meio de violência, de agressividade, de... de tensão.

[Grazielly] A pior parte de estar aqui dentro é a distância da família. A saudade é o que mais tortura aí dentro, então, acho que é a pior coisa que tem.

[Leonel] Fizemos um curso aqui de de estilista, e a gente confeccionou esses vestidos. Eu sempre trabalhei com decoração, fiz muito trabalho de escola de samba, fiz uns cursos de decoração e designer. Eu quero ou montar uma loja, uma coisa, criar uma maneira de vida digna, decente.

[Grazielly] Meu sonho é ser estilista. Estudei muitas coisas pra quando chegasse o dia de eu ir pra faculdade, eu já saber a maioria das coisas bordados, é... ponto cruz, é... trabalho com paetês, com lantejoulas... Então, eu só estava mesmo esperando chegar, acabar meus estudos e ir pra faculdade.

[Márcio] Como evitar o encarceramento de pessoas LGBT, né? E aí a gente tem também como causas, em primeiro lugar, a desigualdade, uma desigualdade que é estrutural no Brasil, né, e que não afeta só pessoas LGBT. E também tem uma questão que é mais específica né, de travestis e transsexuais, que é a extrema dificuldade de conseguir a

entrada no mercado de trabalho. Então, frequentemente, os únicos trabalhos disponíveis são ou trabalhos ilegais, ou trabalhos que estão no limite da legalidade, como é o caso da prostituição. É uma das questões que a gente tem que discutir, quando a gente discute encarceramento LGBT, é a inclusão de pessoas LGBT, especialmente travestis e transsexuais, no mercado de trabalho, né?! Enquanto elas não tiverem alternativas de trabalho, elas muito provavelmente vão cometer mais crimes.

[Leo] “Nos” chamam de “reeducandos”, mas reeducandos no sentido de: “olha, você aqui vai aprender pela opressão, pela dor, a deixar de ser mal.” Né? Deixar de ser uma pessoa do crime. Não, não é assim. O trabalho tem que começar dentro das prisões, ou melhor, começa lá fora, nas periferias, começa é... é muito difícil, é estrutural. Então, tem que começar de algum lugar, tem que começar na prisão. Sabe, a gente tem que sair já com o emprego, o emprego é fundamental. A pessoa... “olha, você vai sair e você tem um emprego em tal lugar”. Tem que ter, porque senão ele vai voltar pro crime, com certeza.

[Grazielly] Você saiu, se vira, já sofreu pra caramba lá dentro. Aí você sai e quer retomar sua vida na sociedade de novo e não tem espaço, por ser trans, e... vamos dizer, “ex-cadeieira” Você não arruma nada, é difícilimo. Aí, de vez em quando, eu faço uns “bicos” de cabeleireira também, tenho umas amigas, umas clientes, que já é uma ajudinha que me dá, entendeu?! Meu marido vai pra feira e me ajuda. Eu vou com ele de vez em quando, e é assim que estou me mantendo.

[Leo] Quando eu saí, que eu olhei aquela avenida, que eu olhei o mundo novamente, eu falei: “meu Deus, eu estou sozinho, eu estou perdido, eu não sei pra onde eu vou”. Os caminhos foram acontecendo, né?! Eu diria que é, assim, não fui eu que entrei no teatro, acho que o teatro ele... ele... ele me engoliu, assim, nele eu nasci, eu renasci, a minha cidadania foi aos poucos sendo reconquistada, a minha dignidade, meu amor próprio. Então, a arte transformou a minha vida.

[Pedro] Você não encontra pessoas trans, é... na televisão, não encontra pessoas trans nas propagandas, etc... isso era uma coisa que não existia. O lugar onde você certamente encontrará é dentro de presídio.

[Julita] Mas o interessante é que se você vai a determinadas prisões no Brasil, né? Você encontra, é... por parte dos próprios presos, uma compreensão, não, é? De que... sabe: “não, essas pessoas precisam ter um espaço, precisam ser respeitadas dentro da cadeia.” Quer dizer, o que nem a sociedade aqui fora é... enfim, costuma fazer às vezes, você encontra isso mais dentro da cadeia do que aqui fora, isso me surpreende sempre dentro da cadeia.

[Pedro] A idade mínima pra você ser senador ou presidente no Brasil é 35 anos, que é a expectativa de vida de uma pessoa trans no Brasil, É... Então, primeiro tem um lado que é compreender e

entender porque tem tantas pessoas trans, desproporcionalmente, sendo mortas e presas, né?! Esse espaço político e de disputa política de espaço de poder, de inacessibilidade completa ao espaço de poder dessas pessoas, e estar no lugar oposto, que é o cemitério ou a... as prisões.